

# "E se...": A Inversão da Contação de Estórias como Estratégia para o Desenvolvimento da Criatividade e Autonomia na Alfabetização Infantil

*"What if...": Inverting Storytelling as a Strategy for Developing Creativity and Autonomy in Early Childhood Literacy*

Maria Rita de Cássia Gomes Ribeiro<sup>1</sup>  
Dra. Marnilde Silva de Farias<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo bibliográfico propõe uma análise crítica sobre a metodologia tradicional de contação de estórias na educação infantil e apresenta a abordagem "E se..." como uma alternativa inovadora para o auxílio ao desenvolvimento da criatividade, autonomia e avanço no processo de alfabetização. Foram explorados os impactos na alfabetização infantil e a relevância de abordagens pedagógicas ativas. A pesquisa bibliográfica visa consolidar a base teórica para a aplicação e validação da metodologia "E se..." questionando os limites pedagógicos para o inicializador "Era uma vez..." em contextos educacionais. Este artigo utiliza o termo "estórias" para referir-se a contos lúdicos sem vínculo com fatos verídicos do campo científico da história. A revisão bibliográfica demonstrou que os trabalhos científicos produzidos nacionalmente reforçam a máxima importância da prática de contação de "histórias" para a formação acadêmica da criança, enquanto que, em contrapartida, a crítica literária demonstra as limitações dessas ações para uma construção de sujeito autônomo.

**Palavras-chave:** Contação de histórias; Criatividade; Autonomia; Alfabetização; Educação infantil.

## ABSTRACT

*This bibliographic article proposes a critical analysis of the traditional storytelling methodology in early childhood education and presents the "What if..." approach as an innovative alternative to aid the development of creativity, autonomy, and advancement in the literacy process. The impacts on early literacy and the relevance of active pedagogical approaches will be explored. The bibliographic research aims to consolidate the theoretical basis for the application and validation of the "What if..." methodology, questioning the pedagogical limits of the "Once upon a time..." in educational contexts. This article will use the term "stories" to refer to playful tales unrelated to true facts from the scientific field of history. The bibliographic review demonstrated that nationally produced scientific works reinforce the utmost importance of storytelling for children's academic development, while, in contrast, literary criticism demonstrates the limitations of these practices for the development of autonomous individuals.*

**Keywords:** Storytelling; Creativity; Autonomy; Literacy; Early childhood education.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em pedagogia e mestranda em educação pela UFPE

<sup>2</sup> Professora do Colégio de Aplicação da UFRR, Doutora em Educação pela UFAM, Mestre em Educação pela UERR/IFRR. Especialista em Psicomotricidade e Neuropsicopedagogia, licenciada em Educação Física e Pedagogia. E-mail institucional: marnilde.farias@ufr.br

## 1. INTRODUÇÃO

São muitos os autores, que corretamente respaldados pela ciência, defendem a prática leitora como uma ação promissora na pedagogia para fins do aprendizado e estímulo à cognição infantil. Para tanto, não sendo objeto desse estudo o questionamento dessa prática, mas a pontuação de suas limitações, ainda, que mesmo, no campo da aprendizagem e cognição, propor uma outra metodologia, que aliada a prática leitora de contação de histórias para crianças, estimulem os processos de alfabetização, autonomia e imaginação em crianças entre 5 e 7 anos de idade do ensino infantil. A partir da experiência na vivência do estágio pedagógico supervisionado I, aplicado para o ensino fundamental I ocorrido no ano de 2021, pelo curso de licenciatura em pedagogia da Universidade de Pernambuco, *campus* Garanhuns, Pernambuco, surge a ideia desse trabalho. Essa experiência causou espanto e angústia da autora no acompanhamento pedagógico. Com a realização da anamnese dos estudantes, material didático, prática pedagógica, plano político pedagógico e estrutura física escolar, viu-se uma lacuna na relação entre a prática de contação de histórias infantis, através do material didático oferecido pela prefeitura, e o desenvolvimento autônomo da criança.

Na análise do material didático e no desenvolvimento acadêmico dos estudantes, identificou-se duas turmas de crianças entre 5 e 6 anos, que tinham comportamentos apáticos, atraso no processo de aprendizado de leitura e escrita, isso dentro de um contexto de retorno de aulas remotas devido ao estado de pandemia pela COVID-19.

A estrutura dos livros didáticos fornecidos pela prefeitura para o processo de alfabetização não provocava a atenção das crianças. Observou-se que as crianças não questionavam, não interagem entre si, não demonstravam principalmente curiosidade. O lúdico deles estava atrelado aos interesses por personagens de internet e plataformas de séries e filmes, muitos deles não eram adequados para o público infantil; Não demonstravam interesse em brincadeiras tradicionais, como por exemplo o jogo de bola, pega-pega, etc. O comportamento que era esperado não se consolidou, pois mesmo com a chegada de outra “professora” na rotina, as crianças não tiveram interesse de questionar sobre a identidade, de onde vinha, o que fazia, onde morava, perguntas naturais que se espera de crianças dessa idade.

Após uma apresentação formal pela profissional titular da sala e seguindo com o planejamento do dia, as crianças se mantiveram apáticas, o que foi uma surpresa. Tal fato causou angústia. Assim notei, para além de tantas outras variáveis, que aquele era um comportamento desafiador e preocupante.

Outro ponto avaliado foi a formulação dos livros didáticos com contação de histórias utilizados para a alfabetização. Os livros traziam universos muito distantes da realidade daquelas crianças e um processo rígido de desenvolvimento. Não dava a elas a liberdade de interação, criação e envolvimento. Foi nessa observação, através da análise dos livros didáticos que eram enviados pela secretaria de educação da prefeitura, que, assim como antes, e como sempre foi, as histórias contadas para as crianças sempre iniciavam com o termo “*Era uma vez...*”. A partir deste inicializador, as crianças tornam-se passiva ante a história que será contada por outro. A ela está resignada apenas ao papel de receber a informação. E isto se perdura por toda formação acadêmica do sujeito social, contribuindo para a passividade do educando. E foi através do incomodo com o comportamento de “letargia” e “mecanização” em crianças de 5 e 6 anos de idade, onde espera-se que nesta fase a criança esteja praticando a curiosidade, o interesse pelos objetos e, com isso, o desenvolvimento do raciocínio através de análises comparativas e concluindo uma ideia crítica sobre alguma informação da qual ela esteja interagindo, que surgiu a ideia da troca do inicializador para “*E se...*”

A atividade curricular de estágio à docência ocorreu logo após a liberação ao isolamento forçado pela COVID-19 no ano de 2021. As crianças estavam defasadas no processo de aprendizado e os métodos usuais não seriam suficientes para que elas acompanhassem o

esperado para faixa etária, que era justamente a alfabetização. Para além do confinamento e não estímulo a aprendizagem que as famílias daquelas crianças não conseguiram dar continuidade, há ainda, o “tempo de tela” que para além da distração o impacto no desenvolvimento cognitivo (Lima, 2025) (Barreto, 2023) (Cavalcanti, 2024)

Com tantos fatores contemporâneos contribuindo negativamente para o bom desenvolvimento infantil, contava-se ainda com uma metodologia que precisava de um processo revisional teórico e prático. Considero que as famosas estória de “*Era uma vez...*” em nada contribuem para o desenvolvimento cognitivo, uma vez, que deixam a criança em estado estático ante a profissional docente perante a prática educacional: “contação de estória” que deveria ser, melhor denominada como: “audição de estória”.

Partindo do que foi observado em campo de estágio ver-se uma base acadêmica que ainda possui dificuldades em observar e estimular a alteridade da criança através das práticas pedagógicas escolares. O principal exemplo é a dicotomia da prática leitora na educação infantil, onde um é o “leitor/professor” – agente – e outro é o “ouvinte/aluno” – passivo. Ou seja, uma ação de forjo do sujeito aluno para a passividade como *ethos* acadêmico.

Entre a literatura e as experiências, todos os artigos que trabalham com contação de estórias com crianças justificam essa prática como estimulante para a imaginação e criatividade das crianças. O que foi observado foi a apatia. Crianças entre 5 e 7 anos de idade sentadas no chão em círculo – estratégia comum para contação de estórias infantis – a professora sentada em pequeno banco a frente – em posição superior a elas – contando estórias com personagens que não estão ao alcance da construção imagéticas das crianças, por mais que elas tenham acesso a figuras de representação. São elementos como leões, girafas, elefantes, florestas, elementos que estas crianças nunca tiveram contato na realidade para poderem fazer associações cognitivas com a criação autoral. Por tanto, a questão, é esse mesmo o melhor método de desenvolvimento para a criatividade, autonomia, imaginação para fins de alfabetização de crianças?

Assim, na observação em sala de referência sobre o desenvolvimento criativo da criança e anotado a ausência do pensamento próprio da criança para o lúdico, curiosidade, a imaginação, a autonomia inerente à infância, urge uma proposta que retorne, estimule e desenvolva todas essas características da infância.

Amparado pela BNCC que trata sobre a liberdade desenvolvimentista da criança por meio da prática, foi possível analisar no campo de estágio, que especificamente a turma do fundamental I do turno da manhã apresentava, uma maior frequência comportamento de introvertimento, ausência de criatividade, ludicidade e interação. Por isso fez-se necessário uma intervenção com objetivo de estimular o processo criativo-lúdico da criança. As ações que foram desenvolvidas no projeto, buscaram proporcionar momento lúdico-interacional-criativo baseado na contação de estórias criadas pelas próprias crianças de forma conjunta.

Como parte do estágio, é pedido um dia de regência acadêmica e a formulação de um projeto, assim que surge a proposta de troca do termo “inicializador” de contação de estórias “*Era uma vez...*” para o termo “*E se...*”. Nesse inicializador, diferente do comum “*Era uma vez...*”, a criança é convidada a imaginar; a estar presente no desenvolvimento da contação da estória sendo protagonista nesse percurso. Ou seja, agente ativo do processo de criação. O que não ocorre com o termo inicializador “*Era uma vez...*”, pois, neste, a criança é apenas um observador de uma estória que não é sua, ou seja, um agente passivo do processo. O objetivo era a criação da estória como releitura e enquanto um adulto estimulava o processo de criação, outro adulto externo, com o papel de escriba, anotava as informações da estória que estava sendo criada pela imaginação das crianças.

Portanto, com base em teóricos da psicologia da educação e do neurodesenvolvimento como Piaget, Vigotski. Como a problemática aqui analisada está, principalmente no desenvolvimento autônomo e cognitivo infantil, e Vigotski afirma que: “O primeiro tipo de

soluções propostas parte do pressuposto da independência do processo de desenvolvimento e do processo de aprendizagem” (2010, p.103) e aliada entre outros autores para fundamentar a narrativa científica, é que foi proposto como meio auxiliar ao usualmente utilizado, a troca do inicializador de contação de histórias para o “*E se...*”. Entregando a criança a oportunidade, de a partir deste momento, utilizar todo o seu conhecimento de mundo e arcaibouços imaginativos para elaborar situações, personagens, problemáticas, ambientes, resoluções.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base utilizada na construção desse artigo está nos principais teóricos do desenvolvimento cognitivo infantil, alfabetização, letramento, aprendizagem e neurocognição, articulando entre os clássicos Vigotski, Piaget, Luria (2010) até renomes contemporâneos como Maria Nikolajeva (2023). Para o campo do desenvolvimento cognitivo com efeitos de aprendizado todos os teóricos concordam com o respeito ao tempo e autonomia das crianças, “Toda aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história” (Vigotski, 2010, p.109); “[...] por isso mesmo seu poder, comando e autonomia de imaginação, narrativa e leitura devem estar representados na literatura infantil [...]” (Nikolajeva, 2023, p.12).

A educação infantil é o principal campo de ação da prática pedagógica escolar. É nessa fase da educação escolar que a maioria e os principais teóricos da educação se debruçam para o entendimento e o desenvolvimento científico em aprendizagem.

### 2.1 A Contação de Histórias na Educação Infantil: Uma técnica de sujeição

Maria Nikolajeva é uma catedrática sueca, emérita da universidade de Cambridge, especialista em literatura infantil. Em seu livro “Poder, voz, e subjetividade na literatura infantil”, traduzido para português em 2023, ela tece através da teoria da normatividade, difundida pela comunidade *queer*; e heterologia trabalhada por Michel de Certeau, o conceito de “aetonormatividade”, para a qual ela revela a imposição, interpretação e leitura da infância pela cultura adulta ao universo infantil, “[...] o conceito de “aetonormatividade” (de aeto-, do latim, “relacionado à idade”), a normatividade adulta que governa a maneira como a literatura infantil foi padronizada desde seu surgimento até os dias de hoje.” (2023, p.28). No livro a autora percorre entre os principais contos infantis e juvenis dos séculos XX e XXI para demonstrar as relações de poder entre o sujeito adulto e o sujeito criança. O que é nestes contos, analisados pela autora, para uma literatura infanto-juvenil, com personagens principais sendo crianças ou adolescentes em universos imaginários (ao qual a autora denomina de carnaval) ou não, é que o desejo realizado, o comportamento empregado, as relações estabelecidas entre os personagens e suas hierarquias, são todos originárias de uma psique adulta.

“A literatura infantil é um veículo educativo, a mais comum; na crítica geral dizemos que a literatura é um veículo ideológico. A literatura infantil é um reflexo do status da infância na sociedade que a produz. A literatura infantil são as memórias nostálgicas da infância do próprio autor adulto. A literatura infantil é o tratamento terapêutico dos traumas da infância do autor adulto. E, o que não é nada surpreendente: não existe uma coisa chamada literatura infantil.” (Nikolajeva, 2023, p.24)

O que é uma evidência óbvia para literatura, pois a escrita e imaginação lógica das crianças não possuem o capital cultural que um adulto possui para ser aceito a indústria literária, com agente literário, editoras, currículos acadêmicos e reconhecimento entre pares para que haja uma difusão do seu pensamento criativo em construção de histórias. A criação, a subjetividade infantil, não tem espaço sociocultural e financeiro para o mundo adulto, portanto, sem relevância.

Assim, uma heterologia – a imposição de um sobre o outro, neste caso via poder discursivo – do que é ser uma criança é feita através do autorreconhecimento do comportamento adulto, ou uma “adultização” da imaginação do universo infantil, ditado através da lógica do pensamento adulto.

Essa ação impositiva do poder adulto à construção no universo da literatura infantil reproduz a normatização de crianças e adolescentes com ações comportamentais esperadas para um sujeito adulto aos desafios e cenários em que eles são criados. Até no momento que a narrativa descreve um comportamento de alteridade da infância ele é considerado uma quebra de regras e normativas do comportamento adulto. Na literatura brasileira é possível ver isso na obra literária “O menino maluquinho” de Ziraldo, onde o personagem principal tem como marca uma panela de cabo, um utensílio de cozinha, usado como chapéu. Esse comportamento “incomum” traz a quebra de regra do comportamento social adulto. Isso, para o autor, é uma forma de utilizar da “desobrigação” infantil para realizar a sua intransigência à norma.

Outra argumentação que Nikolajeva traz no livro é que há uma construção narrativa que copia a cultura adulta e em sua subjetivação, diferenciação e ordenação do poder podendo ser visto nas representações, como por exemplo a de gênero: “A história de Max foca nele mesmo; a história de Ida é sobre cuidado, responsabilidade e sacrifício.” (p.302); representação de classe: “As hierarquias de poder na série são inequívocas: os bruxos são superiores aos não bruxos” (p.36).

O trabalho de Maria Nikolajeva dentre outros, que afirmam que é através da literatura infantil que as crianças têm acesso e são educadas socialmente para serem adultas. O que é visto então, que uma alteridade da criança não existe nas estórias infantis, mas sim um objetivo claro da sua subjetivação ao mundo adulto. Como ela afirma, “não existe uma coisa chamada literatura infantil.” (2023, p.24)

## **2.2 O Desenvolvimento Infantil**

Os trabalhos afirmam que a prática pedagógica de leitura em sala de aula para crianças estimula a autonomia, criação, imaginação, interação social, cognição. É possível que a prática leitora realizada pelos professores estimule a comunicação e a interação do aluno com o docente, mas ao colocar o aluno em posição passiva, ela se distancia do estímulo criador, autônomo e imaginativo do desenvolvimento cognitivo infantil. Mesmo que a professora leitora, como uma mediadora, e é assim que ela(e) o são, mediadores, estejam preocupados com a inserção do aluno na prática lúdica da contação da estória, ainda assim, este será mais como um “filtro” de depuração e orientação, do que um “apontador” do caminho.

A prática pedagógica é amparada por normativas institucionais que determinam como será o progresso educacional das crianças em ambientes escolares, a nível nacional. Alguns dos documentos institucionais dissertam sobre alfabetização e letramento infantil. No artigo de Chagas e Fernandes (2024), elas afirmam que: “Para isso, é imprescindível que se coloque no lugar da criança e a reconheça em si”. Para a Plataforma do Conhecimento (2011, p. 37), é importante que: “Mostre-lhes a capa e pergunte sobre o que seria o texto. Aponte o nome do (a) autor (a), o título, leia a orelha e o texto da quarta capa ou contracapa (se houver). [...] ou simplesmente deixe o livro sobre a mesa para aguçar a curiosidade.” Já o referencial curricular nacional para a educação infantil:

O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas da voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual estão escritas, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a ideia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo. (BRASIL, 1998, p. 144).

É exigido do professor uma “interpretação” ao realizar a leitura das estórias. Essa ação visa tornar a comunicação mais atraente para as crianças, através das emoções interpretadas, via entonações, expressões faciais, gestos, e assim, por meio do professor leitor a criança “sentir” a estória. Ou seja, é por meio das emoções do outro que a criança cria e percebe emocionalmente a estória. Ela sente através do outro.

### **3. DESENVOLVIMENTO**

Este foi uma pesquisa de abordagem qualitativa tendo como instrumento metodológico de pesquisa a análise bibliográfica exploratória descritiva (Biklen e Bogdan, 1994). Foi utilizado como corpus da pesquisa os trabalhos acadêmicos nacionais que discutem alfabetização e letramento através das contações de estórias infantis, e como essa prática pedagógica pode impactar na autonomia, criatividade e ludicidade das crianças. Foi feito um diálogo entre os trabalhos e os livros didáticos que discutem a temática de letramento e ludicidade para a educação infantil.

O objetivo é analisar a partir desta pesquisa bibliográfica os impactos que, a autoria na contação de estórias por crianças, para a imaginação, criação e autonomia. E assim propor a possibilidade da criação de estórias por partes das crianças do infantil a partir do inicializador “*E se...*”. Essa inversão, pois tira a criança da posição passista e a coloca como agente, da prática de contação da estória como estratégia para o desenvolvimento da criatividade, imaginação e autonomia no processo de alfabetização na educação infantil, tendo como base a revisão bibliográfica. Portanto foram feitas uma investigação do papel da contação de estórias no desenvolvimento cognitivo e social infantil; uma discussão dos impactos da contação de estórias na alfabetização e no desenvolvimento socioemocional das criança; e por fim, a proposta a metodologia “*E se...*” como uma abordagem ativa e participativa para o desenvolvimento da criatividade, imaginação e autonomia a partir da contação de estórias autorais.

#### **3.1. Tipo de Pesquisa**

Essa pesquisa bibliográfica exploratória descritiva, inspirada no relato de experiências da autora, fez uma busca qualitativa de trabalhos acadêmicos de conclusão de curso, dissertação de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos dos últimos cinco anos, que estão disponibilizados nos principais bancos de dados científicos utilizados para pesquisa em ambiente nacional.



#### **3.2. Fontes de Dados**

A banco de dados utilizados como fontes de pesquisa para os trabalhos acadêmicos foram o *Google Acadêmico*, a plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) no catálogo de teses e dissertações e a base de dados da *Scientific Eletronic Library* (SciElo). Para o aprimoramento da busca, dentro do banco de dados das plataformas de pesquisa e bibliotecas científicas, foram utilizadas uma sequência lógica dos principais descritores da temática e os algoritmos lógicos linguísticos de booleanos “AND” e “NOT”. Numa manipulação mais direta, para os principais tipos de trabalhos de cada banco de dados das plataformas, não foi utilizada a mesma sequência de descritores.

Para a plataforma *Google Acadêmico*, no período de 2020 a 2025, foram utilizados a seguinte sequência lógica de descritores e booleanos: “contação de histórias na educação infantil” AND “desenvolvimento” AND “criatividade” AND “autonomia”, com esse enquadramento sequencial foram encontrados 215 trabalhos científicos entre trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos. Já para

o sequenciamento lógico “neurodesenvolvimento infantil” AND “ludicidade” foram encontrados 33 trabalhos acadêmicos. Como segue no quadro a seguir.

Quadro 1: Resultado de sequenciamento lógico

PERÍODO	SEQUENCIAMENTO LÓGICO
2020 – 2025	
2020 – 2025	

Para a plataforma Capes (fig.1) de periódicos acadêmicos, com os descritores “contação de histórias na educação infantil” AND “desenvolvimento” foram encontrados 59 resultados para os últimos 5 anos de pesquisa. Para a plataforma SciELO (fig.2) para os mesmos descritores lógicos de “contação de histórias na educação infantil” AND “desenvolvimento”, foram encontrados 2 trabalhos acadêmicos relacionados entre os anos de 2024 e 2025. Não relatando trabalhos anteriores com este filtro lógico. Com estes dados é possível concluir uma limitação de pesquisas nacionais para os últimos cinco anos que estejam focalizadas para o desenvolvimento cognitivo infantil, criatividade, ludicidade e a contação de “histórias” infantis.

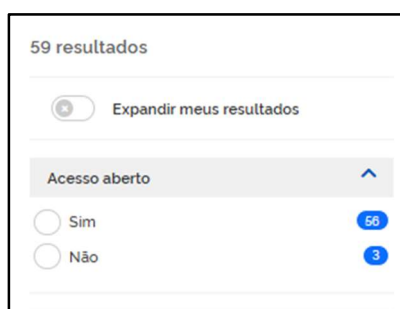


Figura 1: Plataforma CAPES

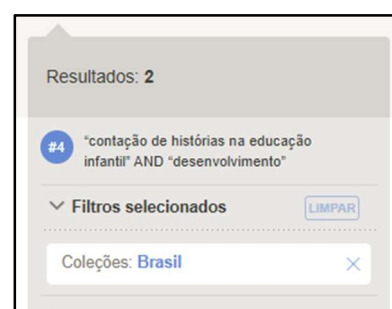


Figura 2: Plataforma SciELO

### 3.3. Procedimentos de Análise

A seleção dos trabalhos para análise desta pesquisa está pautado na focalização de suas pesquisas para a criatividade, ludicidade, letramento através da contação de estórias infantis na educação fundamental. Com estes resultados foi elaborado um quadro com as principais afirmações dos artigos e suas principais citações para afirmação do que a contação de “histórias” para crianças, sejam elas realizadas por professores ou outros, contribuem para a formação crítica, lúdica, autonomia.

Quadro 2: Citações referenciais

Título	Citações
A contação de histórias na educação infantil e o Desenvolvimento da criança	“A contação de história permite que a criança crie um mundo imaginário por meio da afetividade, onde consegue sentir as emoções dos personagens, [...] Isso permite a ponte da fantasia com a realidade, fazendo que a criança assimile sua vivência e a experiência que irá idealizar.”

A importância da contação de histórias na educação Infantil: do lúdico a alfabetização e letramento.	“O ato de ouvir histórias estimula a imaginação, a criatividade e a oralidade, ajudando na construção do pensamento crítico e na ampliação do vocabulário. “
A arte de contar histórias: desenvolvendo imaginação e linguagem na educação infantil	“Além disso, as histórias oferecem às crianças modelos de estruturas linguísticas mais complexas do que aquelas que elas normalmente encontram em suas interações cotidianas. Isso contribui significativamente para o desenvolvimento de sua competência linguística.”
Contação de histórias para, com e Por crianças na escola da infância	“[...] destaca que as práticas discursivas na escola da infância desempenham um papel fundamental na constituição narrativa das crianças pequenas, que se dá nas relações sociais estabelecidas em colaboração com seus pares e com as pessoas adultas deste espaço educativo.”

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 4.1. Síntese dos Principais Achados

No artigo de 2024 de Mayra Chagas e seus colaboradores publicado na revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação com o título “A contação de histórias na educação infantil e o desenvolvimento da criança”, o texto discorre sobre a importância da prática leitora para o desenvolvimento cognitivo e sociocognitivo da criança levando em consideração a sua cultura de pré-conhecimento ao ambiente escolar, e como este é importante para a prática leitora. No entanto, o artigo coloca em expectativa que é através das contações de “histórias”, realizadas pelos professores, com conteúdo que não foi construído por ela ou faça parte de sua realidade, que elas adquirem a “criatividade”.

Por isso, é de extrema importância potencializar essa habilidade por meio de conversas, narrativas que possibilitem a criança exercitar a fala e a imaginação, destacando que é por meio da contação de histórias que se desenvolvem os significados, o propósito da compreensão e o uso da língua materna como instrumento de ensino, levando-nos a considerar que a contação de histórias é definida como uma atividade essencial, na qual o professor é o agente estimulador do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social (Chagas, p.6271, 2024).

Para o artigo, "A importância da contação de histórias na educação infantil: do lúdico a alfabetização e letramento", de Mislene Daiane Lamatriz publicado em 31 de março de 2025 pela revista Científica Imperium, há um debate sobre as fases do desenvolvimento infantil e aprimoramento da escrita via a escuta de “histórias”

Durante a narração, a criança tem contato com diferentes estruturas linguísticas, amplia seu repertório lexical e aprende a organizar suas ideias de forma coesa e coerente. Essa experiência contribui diretamente para a escrita futura, pois ao ouvir histórias bem construídas, a criança internaliza modelos que serão úteis na sua produção textual (Lamatriz, 2025)

A autora argumenta que a criança com acesso a contações de estórias, que são realizadas por professores ou outros, entrega a ela um repertório lexical de vocabulários, linhas de raciocínio e que estes elementos aprimoram a escrita ainda na fase do desenvolvimento infantil. É preciso pontuar que tal aprimoramento é conquistado na fase adulta, uma vez dominado o código formal.

O texto mais relevante para esta pesquisa bibliográfica foi realizado por Débora Cristina Vieira em 2022, publicada pela revista eletrônica da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, com o título: “Contação de histórias para, com e Por crianças na escola da infância” na qual ela relata a sua vivência em quatro escolas públicas na qual foi coletado as estórias criadas e contadas pelas crianças do infantil. Elas possuíam uma faixa etária entre 5 e 6 anos. A autora fez um recorte de três das 57 histórias coletadas. As crianças autoras são meninas de cinco anos. A autora conclui no seu trabalho que:

[...] a compreensão das formas singulares como crianças pequenas criam e (re)criam com autoria as histórias narradas em contextos educativos, num amálgama complexo de dimensões do desenvolvimento humano, do qual fazem parte essencial emoção, memória e imaginação, não dissociadas do caráter intelectual e corporal que se evidencia como prática performativa de produção de culturas na infância.(Vieira, 2022)

Ao chegar a essa compreensão, Debora Vieira revela a alteridade infantil vinculada aos elementos culturais a que elas foram expostas. Mas para além dessa informação, que está comprovada nos anteriores e em todos os outros estudos nesta temática, que o universo cultural é introduzido a criança através das estórias a elas contadas, é comprovado quando elas não criam estórias de um mundo “mágico”, mas a sua realidade “concatenada”<sup>3</sup>, como concha de retalhos, a um enredo real, com sentimentos e emoções já bem consolidadas de frustração, tristeza e medo.

#### ***4.2. Implicações para a Prática Pedagógica***

A criação de estórias em que só o aluno é possível trazer, porque é dele, sua cultura, seus conhecimentos sociais, sua capacidade cognitiva tangente pode proporcionar de autonomia e alteridade subjetiva. Algo que as práticas pedagógicas, centrada no professor; no regime educacional, de horários, programas e políticas estanques, documentos legislativos; no ambiente acadêmico físico e sociocultural, com grades, muros, sirenes; em toda a sua estrutura contribui para a redução da criatividade e autonomia do sujeito aluno. É, ao menos, teoricamente, que o papel da prática educacional formal é formar um sujeito autônomo, crítico e independente. O que há de relevância, na análise documental aqui feita, é o entendimento da limitação da prática leitora que isola a subjetividade pré-histórica, ou seja, todo o conhecimento do mundo das crianças, impondo aos estudantes um conhecimento que está posto pela cultura adulta através da contação das estórias.

A adição da prática “*E se ...*” é de estímulo criativo para fins de alfabetização aliado ao também inicializador “*Era uma vez...*” para diversificação de ferramentas pedagógicas, e variação de processos de estímulos neurocognitivos para o aprendizado. A utilização dos dois inicializadores não exclui a importância de levar a criança a conhecer outros “mundos”, formas de emoções, conhecimentos; como também não se deve, também, negar o universo da criança e sua autoria. Em dissolução para o enigma cultural: “quem vem primeiro o ovo ou a galinha?”, para este, compreendo que é preciso ser primeiro autor para ser leitor.

#### ***4.3. Limitações do Estudo e Sugestões para Futuras Pesquisas***

A prática leitora para a educação infantil através do inicializador “*E se...*” necessita de um estudo prático e teórico aprofundado, com um grupo focal de estudantes amplo para observar as possíveis variáveis atitudinais, sociais, cognitivas ou outras, que só seriam possíveis

---

<sup>3</sup> "Concatenada" é o participio feminino de "concatenar", significando algo que foi ligado, unido ou encadeado de forma lógica ou sequencial.

observa através do trabalho de campo. A prática pedagógica de leitura com outras alternativas de estímulos à produção autoral e desenvolvimento de autonomia via a criação e aprendizagem do letramento, é eficaz. Mas, para além da única forma utilizada, na qual, apenas, um professor lê um conteúdo, que geralmente não está tangível ao universo infantil. Tal prática deixa o aluno em posição passiva como receptora de informação, de cultura e a modulação para uma sujeição de um “ser” aluno.

## 5. REFERÊNCIAS

- CHAGAS, M. R. das *et al.* A contação de histórias na educação infantil e o desenvolvimento da criança. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 5, p. 6269–6277, 2024. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i5.14231>.
- NIKOLAJEVA, Maria. **Poder, voz e subjetividade na literatura infantil**. Tradução de Camila Werner. São Paulo: Perspectiva, 2023. 320 p. ISBN 978-65-5505-164-3.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villa Lobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010.
- LAMATRIZ, Mislene Daiane; ALMEIDA, Gislaíne Cristina Candido de. **A importância da contação de histórias na educação infantil: do lúdico à alfabetização e letramento**. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].
- DE LOURDES, Dayane Freitas *et al.* A arte de contar histórias: desenvolvendo imaginação e linguagem na educação infantil. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 10, p. e5828, 2024.
- BIKLEN, Sari Knopp; BOGDAN, Robert C. **Investigação qualitativa: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- VIEIRA, D. C. S. da C. Contação de histórias para, com, e por crianças na escola da infância. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 31, n. 68, p. 103–115, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2022.v31.n68.p103-116>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/faeaba/article/view/14696>. Acesso em: 9 set. 2025.
- LIMA, Mirella Maria et al. Impacto do tempo de tela no desenvolvimento cognitivo e comportamental de crianças em idade pré-escolar. **Periódicos Brasil. Pesquisa Científica**, Macapá, Brasil, v. 3, n. 2, p. 1472–1479, 2024. DOI: 10.36557/pbpc.v3i2.194. Disponível em: <https://periodicosbrasil.emnuvens.com.br/revista/article/view/194>. Acesso em: 12 set. 2025.
- BARRETO, Michelle De Jesus et al. Os impactos do tempo de tela no desenvolvimento infantil. **Revista Saúde UNIFAN**, v. 3, n. 1, p. 58-66, 2023.
- CAVALCANTI, Bruna Lima Durans et al. O impacto do uso de telas digitais no desenvolvimento cognitivo infantil: uma revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 13, n. 7, p. e6113746285, 2024. DOI: [10.33448/rsd-v13i7.46285](https://doi.org/10.33448/rsd-v13i7.46285). Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/46285>. Acesso em: 12 set. 2025.

